

2. Duas lógicas

- O próximo ponto é notar que o significado da proposição não é determinado pela própria proposição.

A proposição diz ~~algo~~ sobre o mundo.

E o mundo determina se a proposição é verdadeira ou falsa.

2. Dois lógicos

- Da mesma maneira, o significado da inferência não é determinado pela própria inferência

A inferência é uma coisa que a gente faz para chegar.

E é uma pessoa que vai aceitar a inferência ou não.

2. Duas lógicas

- Mas aqui a coisa fica desconcertada.

Porque a pessoa pode usar critérios
subjetivos p/ aceitar a inferência
ou não

— (ela pode gostar da inferência ou não)

E agora?

2. Duas lógicas

- Agora a gente volta para o lado do Fuço.

É nota que uma proposição sozinho
não diz nada sobre o mundo
- (não tem sentido)

Para ter sentido ela precisa fazer parte
de um esquema de representação
- (conceitos: nomes e predicados)

2. Duas lógicas

- Mas, porque a gente faz isso?

Bom, para construir representações.

E chamar de conhecimento a coesão de representações verdadeiras.

E fazer as coisas apoiados no conhecimento — (sem olhar p/ o mundo)

⇒ uma forma de vida

2. Duas lógicas

- Agora basta espelhar o argumento.

Uma influência sozinha não diz
nada a ninguém - (não tem sentido)

Para ter sentido, a influência precisa
fazer parte de um esquema conceitual
- (conjunto de conceitos)

2. Dois lógicas

- Mas dessa vez, os conceitos não possuem significado primitivo.

E por meio da articulação inferencial
que os conceitos ganham sentido
— (um conceito leva ao outro)

Então o elemento primitivo é a influência
— (a influência material)

2. Duas lógicas

- As instruções que definem o significado são partilhadas pela comunidade — (implicitamente)

A ideia é que não há dificuldade em fazer esse pacto.

Porque o significado não determina o que vai ser aceite e recusado.

2. Duas lógicas

• Mas, porque a gente faz isso?

Bom, para construir regras.

E chamar de normatividade a coleção
de regras aceitas pela comunidade.

E tentar a fazer as coisas de acordo
c/ as regras — (sob o olhar dos outros)

⇒ uma forma de vida

3. A Logica

3. A Lógica

- Agora que nós temos duas lógicas
nós podemos obter uma Lógica
- (com L maiúsculo)

A Lógica é um entendimento abstrato
que surge quando nós vemos duas
lógicas - (como existou o
Frege)

3. A Lógica

• A lógica do Frege é assim:

- centro de gravidade: o mundo

- papel da linguagem: descrever o mundo

- núcleo semântico: as coisas e os fatos

3. A Lógica

- núcleo metodológico: os conceitos e a proposição - (regras do jogo)
- polos de significado: o verdadeiro e o falso
- (versões objetivas)

3. A Lógica

- atividade linguística paradigmática:
o raciocínio
- as peças aparecem como falácias
do mundo
- (disputando os fatos que são
verdadeiros e falsos)

3. A Lógica

Note: Ao colocar a linguagem em foco e apresentá-la como um jogo, nobra para as pessoas aparecerem como jogadores do jogo.

Uma caricatura, onde o sujeito tem um nariz bem grandão, e oulhos pequenininhas ...

3. A Lógica

- A lógica de Brandom é animada
 - centro de gravidade: a comunidade
 - papel da linguagem: a regulação da comunidade
 - núcleo semântico: as atitudes e as normas

3. A Lógica

- núcleo argumentativo: os claims e as inferências
— (tesas do jogo)
- polos de significado: o certo e o errado
— (noções convencionais)

3. A Lógica

- atividade linguística paradigmática:
o argumento
- as pessoas aparecem como
negociadores de posições no
jogo
- (disputando o lugar de
autoridade)

4. Para que serve a Lógica?

4. Para que serve a Lógica?

- A gente chegou na Lógica por um movimento de subida.

Agora, a gente pode descer
outra vez.

Então a Lógica serve para
a gente conseguir mais lógicas.

4. Para que serve a Lógica?

• Dois problemas com as lógicas
de F e de B:

a. Tudo é muito estático

b. O foco está longe das pessoas

Agora, nós vamos comentar isso.

4. Para que serve a Lógica?

• A terceira lógica é assim:

- o centro de gravidade: a pessoa
que usa a linguagem - (alguém)
- papel da linguagem: apoiar a
atividade da pessoa que
quer alguma coisa

4. Para que serve a Lógica?

- núcleo sintático: o loop de
feedback — (mecanismo)

- núcleo semântico: a função

— (o que acontece quando o
mecanismo entra em operação)

4. Para que serve a Lógica?

- polos de significado: o bom
e o ruim

- (noções objetivas)

- atividade linguística paradigmática
a organização do mundo

4. Para que serve a Lógica?

- as pessoas aparecem como agentes que vão em busca dos meios p/ conseguir o que elas querem
- (disputando entre si quando seus interesses entram em conflito)

5. Uma lógica da dúpla
determinação

5. Uma lógica da dupla determinação

- Dessa vez, aconteceu uma coisa diferente.

Não chegamos na zona lógica
visto de cima.

E agora, é preciso trabalhar
p/ dar substância à lógica.

5. Uma lógica da dupla determinação

- Na norma lógica, o centro de gravidade é instituído:
 - as pensões não condicionadas pelos linguagem
 - e a linguagem é condicionada pelos pensões

5. Uma lógica da dupla determinação

- Aqui reside a dificuldade para desenvolver uma lógica

— (e dupla determinação)

E o denário é não simplificar as coisas

— (deixar algo parado em função)

5. Uma lógica da dupla determinação

(. . .)

6. Ainda mais uma lógica

6. Ainda mais uma lógica

- Na nova lógica o centro de gravidade é a pessoa
— (guiada pela sua vontade)

E na lógica do Brandon, o centro de gravidade é a comunidade — (que ajuda os seus indivíduos)

6. Ainda mais uma lógica

Mas, existe algo no meio.

Nota: Na lógica do B., ninguém está
fazendo nada — (ninguém quer
conseguir nada)

E isso encurta o horizonte do
entendimento da linguagem.

6. Ainda mais uma lógica

• Então, a gente define a lógica
ainda:

- centro de gravidade: atividades
coletivas práticas

- papel da linguagem: organizar
a atividade - (pragmatics)

6. Ainda mais uma lógica

- núcleo semântico: a ação

- (algo que alguém faz)

- núcleo sintático: a orientação

— ("vai!", "não vai!");

estímulo e inibição)

6. Ainda há uma lógica

- pólos de significado: da certo
e não da certo

- (usos práticos)

- atividade linguística paradigmática
fazer as coisas falando junto
com os outros

6. Ainda mais uma lógica

- As peçoas aparecem como fazedores de coisas, construtores de estruturas, organizadores de atividades
- (disputando o lugar que cada um vai ocupar na estrutura, e os benefícios da atividade)

7. Conjunção lógica

7. Confusão lógica

- Uma lógica é um esquema de explicação da linguagem - (teoria?)

Cada vez que nós colocamos o esquema em pé, nós obtemos uma lógica.

Quando isso fica claro, já não é difícil encontrar outras lógicas.

7. Confusão lógica

Mas na prática, os diversos elementos das diversas lógicas aparecem todos misturados por aí.

Vejamos um exemplo.

7. Confusão lógica

- A gente chega no pragmatismo perguntando

"Para que serve imo?"

E imo nos dá um entendimento das coisas em termos do uso que é feito delas.

7. Confusão lógica

- Como o uso é feito pelas pessoas, isto é uma maneira de colocar as pessoas na jogada
- (colocar esse fator de determinação em evidência)

7. Confusão lógica

Outro ponto de vista aparece quando
a gente pergunta:

"O que é imo?"

ou

"O que significa imo?"

7. Confusão lógica

Porque isso nos dá um entendimento
um entendimento das coisas em
termos de si mesmas

- (ou em termos de outras coisas)

7. Confusão Lógica

- É como a gente não pensa nas peças como fazendo parte das coisas, isso é uma forma de tirar as peças da jogada — (colocar outros fatos de determinados em evidência)

7. Confusão linguística

- Mas, mesmo no 2º ponto de vista é preciso ter alguém lá para fazer a linguagem funcionar
 - (fazendo manipulação de símbolos, aplicando conceitos, realizando inferências)

7. Conjunção lógica

- Mas no 2º ponto de vista, a manipulação é determinada pelas coisas (representações), ou pelas regras (normatividade)
- (a pessoa não tem poder de determinação)

7. Confusão lógica

- Dai, caracterizar imo como um pragmatismo (linguístico)

só pode ser confusão

— (ou então má fe ...)

8. O papel do W : o papel do B

8. O papel de W e o papel de B

• Uma lógica é um jogo de linguagem.

Ou melhor, a lógica é um esquema
(teoria) que aponta p/ a estrutura
de jogos de linguagem muito gerais
— (maneiras de falar)

8. O papel do W e o papel do B

• A peça chave não as peças

- (linguagem é uma forma de vida)

Todos os elementos da estrutura
se relacionam com as peças

- (sintaxe e semântica)

8. O papel do W é o papel do B

• Agora nós encontramos o lugar
do W.

○ W é o cara que coloca as
pistas no centro da investigação

lógica

- (as pistas estão sempre lá)

8. O papel do W e o papel do B

. Colocando as pedras em foco.

- todo o resto começa a ficar visível

- (os múltiplos jogos de linguagem
que nós jogamos o tempo todo)

E daí, já não é difícil isolar um
deles e formular a sua teoria.

8. O papel do W e o papel do B

- E agora, nós encontramos o lugar do B. — (que é o trabalho que ele faz)

E devido a um velho hábito da atividade de fazer teoria, ele
← tinha as peças da jogada
— (Making Us Implicit)

9. A atividade de fazer teoria

9. A atividade de fazer teoria

- O problema não é fazer perguntas.
- O problema é fazer perguntas como "foundational questions".

Porque daí, é preciso fazer um monte
de premissas e/ou obter as respostas
— (confusão)

9. A atividade de fazer teoria

- Dai, a gente usa as respostas como fundamento da linguagem.

Assim, as coisas ficam de cabeça para baixo

— (e nós vamos parar embaixo do tapete)

9. A atividade de fazer teoria

Imagem: Uma teoria é como um tapete onde a gente se enfia embaixo, para se sentir seguro quando pisa em cima dele.

9. A atividade de fazer teoria

- As funções são capacidades que o teórico postula para apoiar o funcionamento da linguagem
 - interpretação
 - julgamento
 - pragmatismo linguístico

9. A atividade de fazer teoria

- Esse é o movimento que nos coloca
 embaixo do tapete

- (Making Us Implicit)

Porque somos nós que instanciamos
 estas capacidades e fazemos
 a linguagem operar.

9. A atividade de fazer teoria

- Uma teoria da linguagem é também uma teoria sobre nós.

Porque um jogo de linguagem é uma forma de vida.

9. A atividade de fazer teoria

- Ao mesmo tempo, o movimento
objetifica a linguagem
- (que pode ser entendida sem nós)

Porque podem haver outros mecanismos
que instanciam as capacidades postuladas
pel técnico

- (mecanismos do raciocínio)

10. Dois concepções de linguagem

10. Duas concepções de linguagem

• Mas, porque a gente faz isso?

Bom, aquilo que fica embaixo do tapete opera de acordo com regras específicas.

Nós podemos confiar que ele faz certas coisas, e não faz certas coisas.

E confiando nisso, a gente pode fazer outras coisas.

10. Dois concepções de linguagem

- Isso nos dá a primeira concepção

→ Um instrumento que nos permite colocar ideias (constraints) sobre nós mesmos (ou de preferência sobre os outros), que nos direcionam (forçam) a manifestar um comportamento coerente(...

10. Dois concepções da linguagem

→ ..., de modo que confiando nisto

(se apoiado aí) nós podemos
manifestar um comportamento livre

- (que não precisa ser confidencial,
e nem prestar contas a ninguém)

10. Dois concepções da linguagem

- Então, jogos de linguagem com regras explícitas não a base para formas de vida que nós construímos, que possuem uma estrutura opressiva
- (para aqueles que ficam embaixo)

10. Dois concepções de linguagem

- Mas o papel da teoria não é ser a base de formas de vida concretas.

O papel da teoria é produzir entendimento: contar histórias que normalizam as novas formas de vida opressivas

— (o que é uma outra forma de vida)

10. Dois concepções da linguagem

- Aqui nós voltamos ao movimento fundador da teoria: fechar a linguagem por baixo
- (tirando as pernas da gente)

Só que a linguagem não é fechada por baixo.

10. Duas concepções de linguagem

- É isso que dá a segunda concepção

→ Os novos jogos de linguagem se confundem (por baixo) com toda sorte de ritos que nós produzimos, com nossos movimentos e expressões faciais, e com os movimentos naturais do corpo

10. Dois concepções de linguagem

→ Tudo imo não coisas que afetam
aquilo que acontece ao nosso redor,
e não afetadas pelo que acontece
ao nosso redor

— (dupla determinação)

11. O banco de Neuquén